

O PREÇO DO AMANHÃ: TEMPO É DINHEIRO?¹

Rodrigo Rafael Fernandes²

Por aqui, a máxima popular “tempo é dinheiro” é colocada em debate: o pagamento pelos serviços prestados pelos trabalhadores não é dinheiro, mas tempo. Bens e serviços são trocados por tempo, tempo de vida a menos. Tempo é vida.

No universo de “O preço do amanhã” (*In time*), as pessoas deixam de envelhecer fisicamente aos 25 anos, ocasião em que relógios dentro de seus pulsos são ativados em contagem regressiva. Abastados em recursos pecuniários possuem tempo, séculos de existência, e recebem muito mais em tempo por suas atividades em relação aos habitantes de distritos mais pobres, onde se rouba e se mata pelo tempo.

Em alguns distritos, vive-se constantemente com menos de um dia de vida, e se recebe diariamente tempo suficiente somente para o outro dia. O ritmo é acelerado e é preciso correr para se transportar, comer e realizar demais atividades. Em outros, o ritmo é desacelerado e tempo não é problema, há tempo para tudo. Existem barreiras entre estes dois universos distintos, barreiras onde pedágios de tempo tornam a higienização das regiões nobres possíveis. Em “A teoria dos sentimentos morais”, Adam Smith demonstrou como a divisão, a rotina e a precarização das relações de trabalho promovem a perda da capacidade de simpatia, ou a capacidade de se identificar com as necessidades dos outros, quando se compreende os sofrimentos e tensões existentes no outro, e, em “O preço do amanhã” isto não é diferente: as diferentes funções na organização social promovem distanciamentos que vão para além dos limites puramente geográficos: a penúria não chega e quando chega não toca os abastados, sendo encarada como preço a ser pago para as coisas serem como são, e, entre pobres, gera indiferença e competitividade, além do aumento da criminalidade pela ausência do necessário à existência digna. Em ambos os casos, a solidariedade é restrita.

¹ Recebido em 22/06/2017

² Claretiano Centro Universitário

Richard Sennett nos mostrou em “A corrosão do caráter” como a organização do trabalho pode produzir diferentes moralidades, e os vínculos de caráter mais solidarista e coletivista são afrouxados em organizações de trabalho marcadas pela instabilidade e pela competitividade.

Ao herdar grande quantidade de tempo de um milionário que cansou da vida e vai aos subúrbios atrás de alguém para quem repassar seu tempo, Will Salas, vai para o centro abastado de Greenwich, onde aposta com Phillippe Weis e obtém ainda maior quantidade de tempo. Rapta a filha deste, Sylvia Weis, que, em um tipo de síndrome de Estocolmo, se solidariza com a causa do rapaz. Baseados na premissa de que “os pobres morrem e os ricos não vivem”, em uma alusão a Robin Hood, estes Boonie e Clyde futuristas roubam o tempo dos ricos para redistribuí-los aos mais pobres. Em Will parece haver um descontentamento em relação a situação vivida, especialmente pelas perdas emocionais que sofre ao longo do filme, que o leva em sentido de buscar modificar a realidade existente. Sylvia, por outro lado, parecia vivenciar um esvaziamento de sentido de sua existência, e o contato com o personagem de Will parece promover uma ressignificação desta.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

O PREÇO DO AMANHÃ. Direção de Andrew Niccol. EUA, 2011.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SMITH, Adam. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo; Martins Fontes, 1999.